

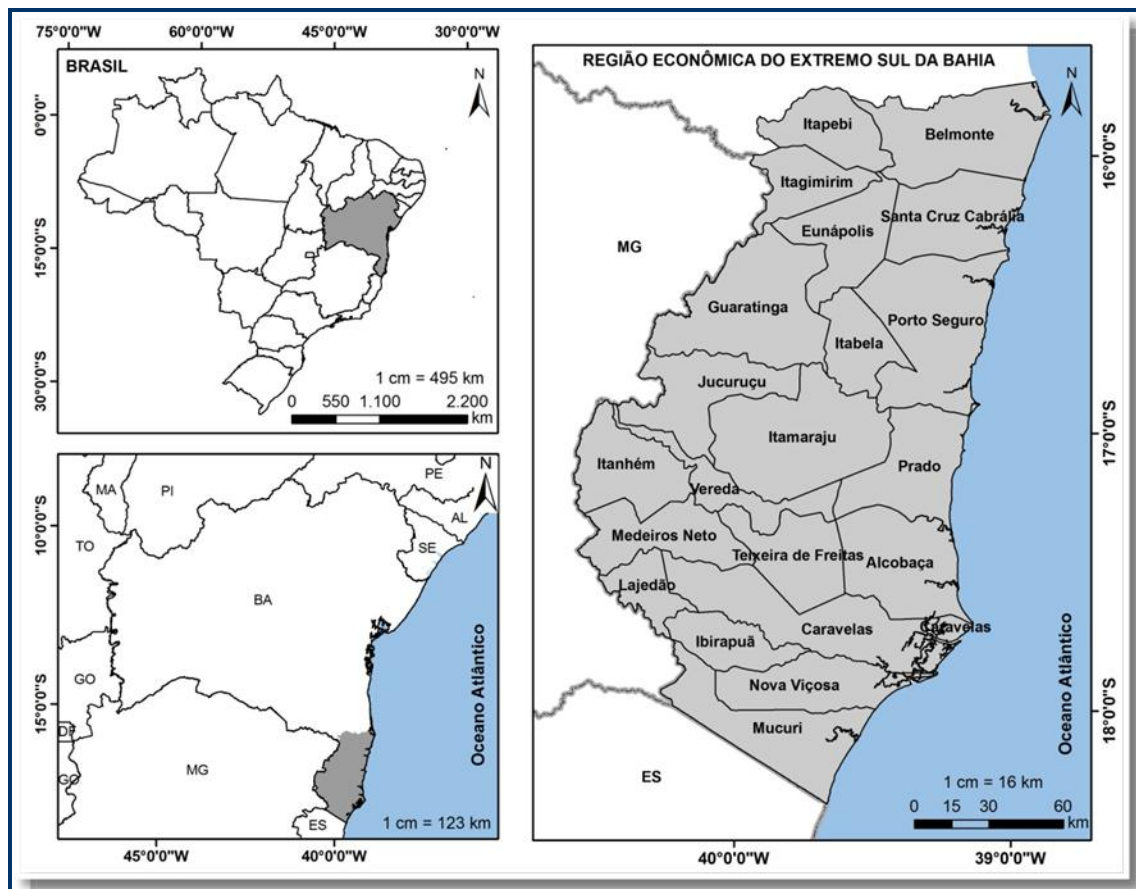
PADRÃO DE USO DA TERRA DO EXTREMO SUL DA BAHIA – BRASIL

Thiara Messias de Almeida¹
Liliane Matos Góes²
Amom Chrystian de Oliveira Teixeira³

O Extremo Sul da Bahia é a região prioritária para a expansão do complexo agroindustrial de celulose e papel e, atualmente, está inserida nos fluxos do comércio nacional e internacional. O resultado da nova dinâmica econômica é o processo de modernização no interior do espaço regional (AVENA, 2002; CEI, 1992), formando o que Pedreira (2004) aponta como “ilhas de modernidade”.

A região econômica do Extremo Sul da Bahia compreende 21 municípios, e está localizada entre as coordenadas geográficas de 15°45' a 18°30' de latitude Sul e de 30°50' a 40°40' de longitude Oeste de Greenwich (Figura 1), com uma área de aproximadamente 30.420 km², representando 5,42% do total do território estadual (CEI, 1992).

Figura 1: Representação gráfica do Extremo Sul da Bahia e seus respectivos municípios.



Fonte: Elaborado a partir do bando de dados da SEI (2008).

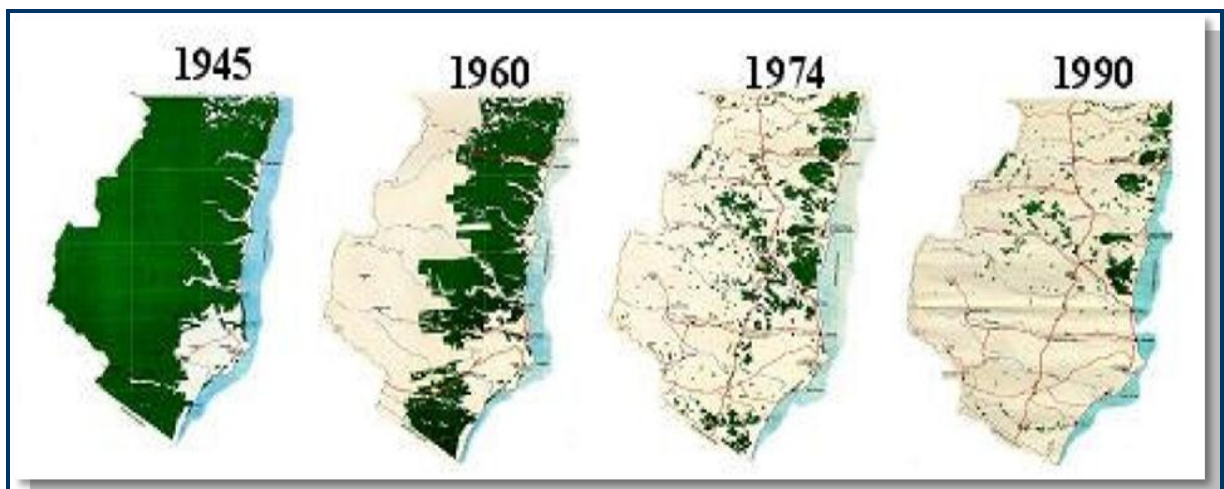
No cenário nacional, o cultivo de eucalipto destinado à exportação foi impulsionado pelo Governo Federal, na década de 70. Na Bahia, como resultado, instalaram-se nos anos 80, as primeiras empresas atraídas pelos fatores locacionais, condições edafoclimáticas, preço da terra, escoamento da produção por meio do porto marítimo de Vitória (ES), disponibilidade de mão-de-obra e grandes extensões de terras para introdução da lavoura permanente (CAR, 1994; SEI, 2002).

A Bahia é um dos Estados que mais favoreceram a expansão do cultivo de eucalipto no país, especialmente na região do Extremo Sul. A monocultura passou a substituir a produção agrícola e bovina para a produção de papel e

celulose. Neste sentido, tornou-se relevante compreender a dinâmica da expansão da silvicultura, a fim de identificar as transformações ocorridas, em particular no uso da terra.

A nova dinâmica local desencadeou modificações no sistema antrópico, a partir da década de 1970, tornando-as perceptíveis (FONTES, 2007). A região se integra à economia estadual e nacional por meio da implantação da Rodovia Federal BR 101, que impulsionou o escoamento e o consequente desenvolvimento regional (PEDREIRA, 2008). Nesta época, acelera-se o desmatamento da Mata Atlântica, que foi praticado pelos antigos grupos madeireiros, contribuindo para a devastação do bioma e criação de áreas destinadas a pastagens (Figura 2).

Figura 2: Processo de diminuição da cobertura vegetal no Extremo Sul da Bahia, 1945-1990.



Fonte: Veracel (2005).

Segundo Alvim (1994), a pecuária extensiva foi a atividade econômica que mais se expandiu devido ao desmatamento da Mata Atlântica, sendo que essa atividade, é vista por muitos especialistas e estudiosos, como uma das degradantes formas de uso da terra, por provocar destruição de ecossistemas

ambientais, por meio do desmatamento, poluição de recursos hídricos e alto consumo de água, degradação do solo (Figura 3), como também contribuem para o aumento das emissões dos gases que provocam o efeito estufa (DE ZEN et al., 2008).

Figura 3: Área com pastagens degradadas apresentando focos de desmatamento e processos erosivos aparentes às margens da BR 101, no município de Belmonte, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo, ago/2008.

A Mata Atlântica é um *hotspots* da conservação mundial, um dos mais importantes pontos de grande biodiversidade e endemismo do planeta e encontra-se bastante ameaçada, especialmente, no trecho da região do Extremo Sul da Bahia, onde se localiza o Corredor Central da Mata Atlântica (YOUNG, 2005). Atualmente, possui cerca de 7% de sua cobertura florestal original, totalmente fragmentada em pequenos remanescentes, cercados por pastagens, plantações de cana-de-açúcar, eucalipto, café, mamão, entre outros

cultivos temporários. A retirada de madeira, na década de 1970, abriu espaço para a expansão da pecuária, que hoje ocupa a maior parte da região. A atual preocupação está direcionada para o avanço da silvicultura sobre a Mata Atlântica (Figura 4).

Figura 4: Eucaliptocultura no município de Belmonte (BA) – BR 101 em direção ao município de Eunápolis, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo (ago/2008).

A técnica de plantio de eucalipto realizada chama-se paisagem-mosaico, que significa cultivar, preferencialmente, em áreas planas, nos platôs do relevo (Figura 5).

Figura 5: Plantio de eucalipto da Veracel Papel e Celulose em áreas planas do relevo – Área de Planalto Costeiro no município de Eunápolis (BA), as margens da BR 101.



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 6: Localização do Complexo Agroindustrial Veracel Papel e Celulose. Em 1992 foram iniciados os estudos para a implantação da fábrica, em 1996 recebeu a licença ambiental, e em 2005 deu início às suas operações industriais, sendo uma das mais modernas e avançadas do mundo.



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010).

Figura 7: Vista parcial do Complexo Agroindustrial Veracel Papel e Celulose no município de Eunápolis (BA). A empresa é resultado da parceria entre duas líderes mundiais de mercado do setor: a brasileira Fibria e a sueco-filandesa Stora Enso.



Fonte: Trabalho de campo, ago/to/2008.

Figura 8: Transporte das toras de eucalipto com destino a Veracel Papel e Celulose em Eunápolis (BA). Ao fundo, a madeira está sendo transformada em cavaco, primeira fase do processo industrial para a fabricação de celulose.



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 9: Modernização da agricultura no campo, município de Nova Viçosa (BA).
Colheita mecanizada de toras de eucalipto às margens da BR- 418 da empresa
Aracruz Celulose.



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 10: Replântio e organização das toras de eucalipto para transporte até a fábrica, BA 998, Nova Viçosa, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 11: Replântio do eucalipto no município de Mucuri às margens da BA 698, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 12: Replântio do eucalipto às margens da BA 698 no município de Mucuri, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo, ago/2008.

Figura 13: Área de colheita de eucalipto no município de Caravelas, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010)

Figura 14: Eucalipto em estágio de desenvolvimento no município de Alcobaça, nas proximidades da BA 698, Extremo Sul da Bahia.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 15: Sistema Silvipastoril, consórcio de *Eucalyptus grandis* e pastagem, município de Nova Viçosa (BA). Plantios da Aracruz Celulose.



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010).

Figura 16: Sistema Silvipastoril, consórcio de *Eucalyptus grandis* e pastagem, município de Nova Viçosa (BA), nas proximidades da BR 101.



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 17: Plantio de eucalipto próximo às falésias ativas, impacto negativo do setor agropecuário sobre o de serviços (turismo), município de Prado (BA), nas proximidades da BA 489.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 18: Falésias ativas formadas por sedimentos inconsolidados da Formação Barreiras, município de Prado (BA) nas proximidades da BA 489, Praia da Paixão.



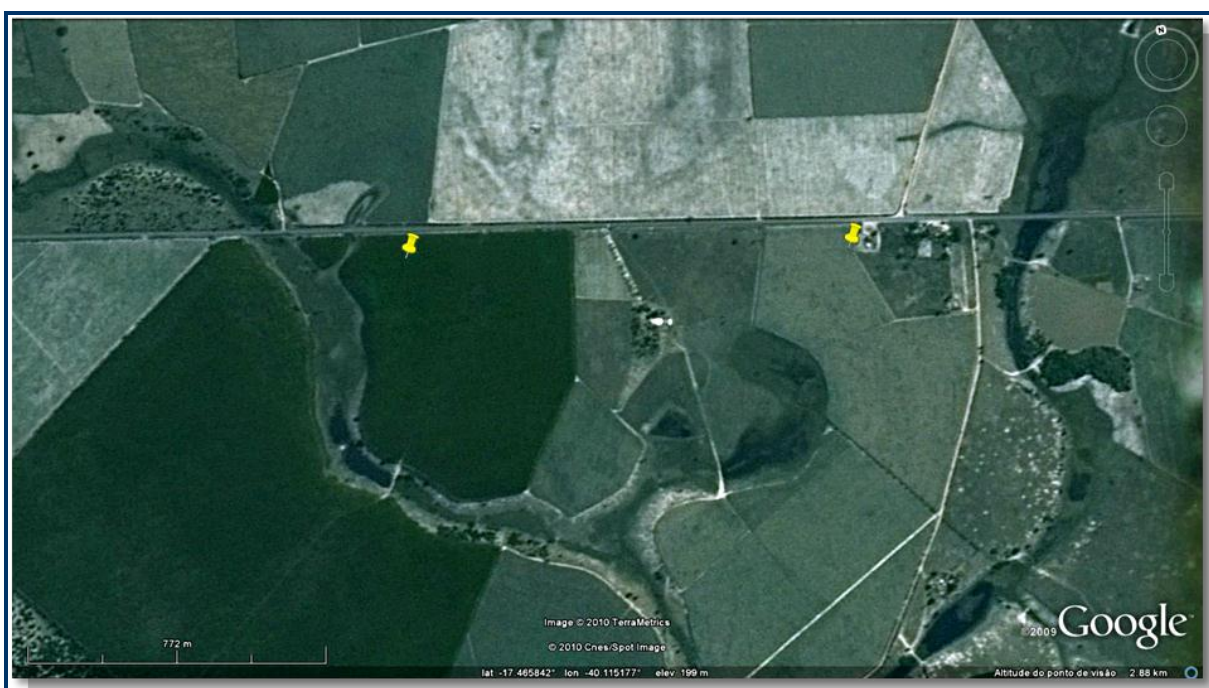
Fonte: Trabalho de campo, ago/2008.

Figura 19: Plantio de eucalipto próximo às falésias ativas no município de Prado (BA),
Costa das Baleias.



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010).

Figura 20: Plantios de cana-de-açúcar e eucalipto, município de Caravelas (BA).



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010).

Figura 21: Plantios de cana-de-açúcar e eucalipto no município de Ibirapuã (BA). Verifica-se uma disputa acirrada pelo espaço agrário na área, por suas excelentes condições edafoclimáticas para os dois tipos de culturas, e ambas recebem incentivos para expansão do Governo Estadual.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 22: Concorrência entre plantios de cana-de-açúcar da empresa Agro Unione e plantios eucalipto da empresa Bahia Sul Celulose, no município de Ibirapuã (BA), divisa com o estado de Minas Gerais.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 23: Plantio de cana-de-açúcar, município de Ibirapuã (BA) para a produção de combustíveis renováveis na divisa do estado da Bahia com o Estado de Minas Gerais.



Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 24: Transporte da cana-de-açúcar para a usina no município de Ibirapuã (BA), na divisa com o município de Nanuque (MG).



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 25: Complexo Agroindustrial Santa Maria de cana-de-açúcar, município de Medeiros Neto (BA), há mais de 20 anos em operação.



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2010).

Figura 26: Complexo Agroindustrial Santa Maria dedicado à exploração da cana-de-açúcar e produção de álcool (etanol), localizada na BA 290, Km 43, Medeiros Neto (BA).



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

A fruticultura tem importante papel no cenário regional, especialmente o cultivo de mamão que merece atenção especial, pelo fato de a região ser responsável por mais de 80% da produção de mamão do Estado da Bahia, segundo o Censo Agropecuário de 2006. O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de mamão e o Estado da Bahia contribui com 48,2% da produção nacional (Figura 23).

Figura 27: Cultivo de mamão entre cultivos de eucalipto. Produção de alimentos x produção de celulose na disputa espacial no município de Prado, Extremo Sul da Bahia.



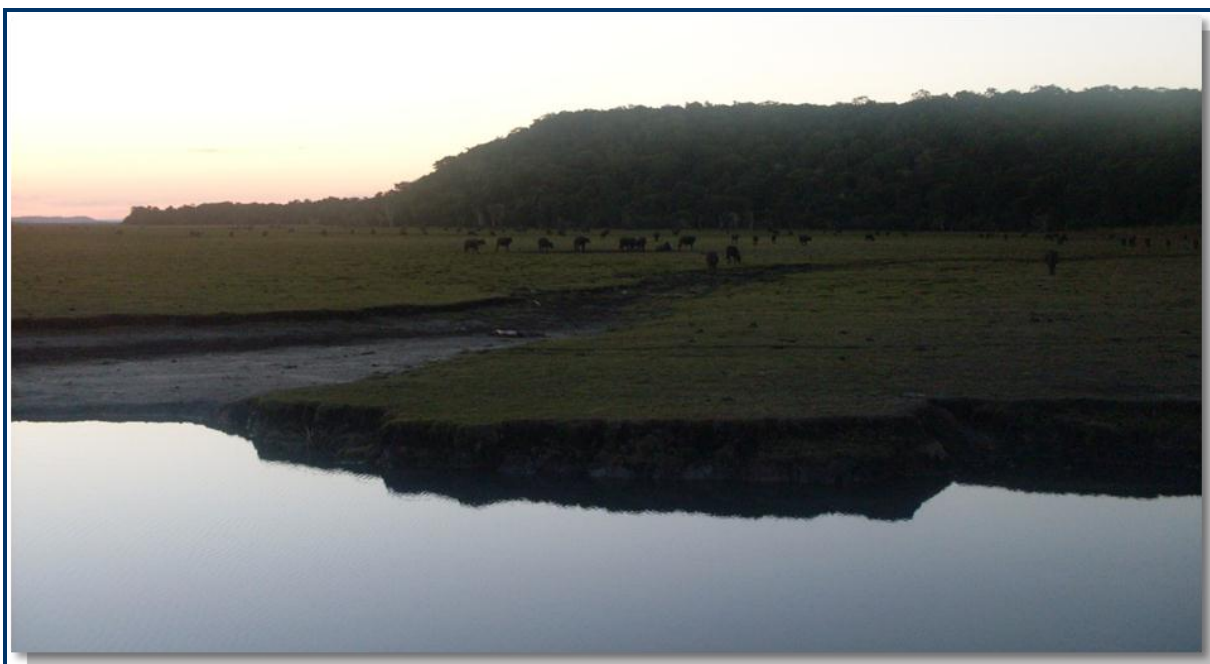
Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 28: Criação de búfalos na Bacia do Rio dos Frades em áreas de Gleissolo no município de Porto Seguro (BA).



Fonte: Trabalho de campo, agosto/2008.

Figura 29: Criação de búfalos na Bacia do Rio dos Frades, município de Porto Seguro (BA). Ao fundo, remanescentes de Mata Atlântica.



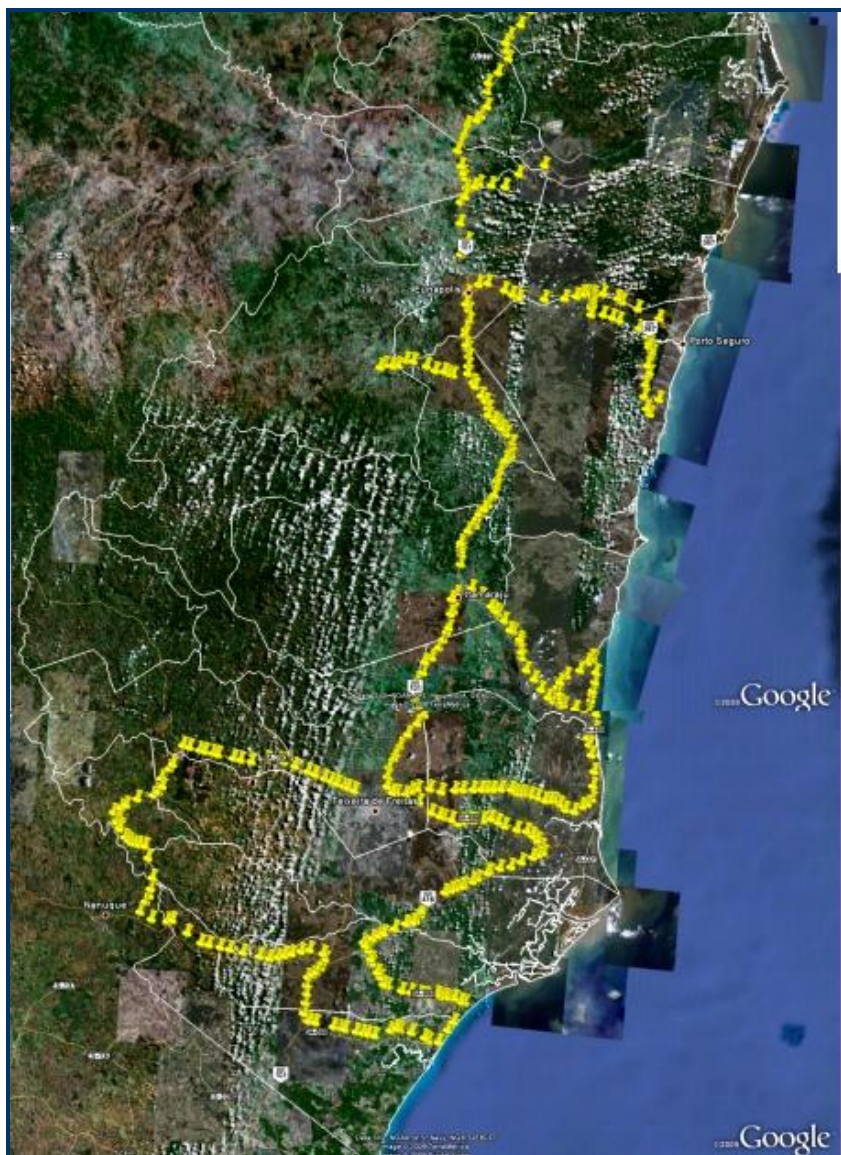
Fonte: Trabalho de campo, ago//2008.

Figura 30: Padrão de uso da terra: Pastagem para criação de búfalos no município de Porto Seguro (BA).



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (agosto/2006).

Figura 31: Mosaico do Extremo Sul da Bahia – em amarelo as coordenadas geográficas obtidas por meio do sistema de posicionamento por satélite, o *Global Position System* (GPS).



Fonte: Elaborado a partir do banco de dados do Google Earth (2009) e do trabalho de campo, ago//2008.

Referências

ALVIM, P. T. Silvicultura e ecologia no Extremo Sul da Bahia. **Bahia Análise e Dados**, Salvador, CEI, v. 4, n.2/3, p.108-114. dez/1994.

AVENA, A. (Org.). **Bahia Século XXI**. Salvador: SEPLANTEC, 2002. 400p.

CENTRO DE ESTATÍSTICAS E INFORMAÇÕES – CEI. **Perfil da região econômica Extremo Sul**. Salvador, 1992. 64p.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL – CAR. **Política de desenvolvimento para o extremo sul da Bahia**. Salvador; 1994. 142p.

DE ZEN, S.; BARIONI, L.G.; BONATO, D.B.B.; ALMEIDA, M.H.S.P de.; RITTL, T.F. **Pecuária de corte brasileira: impactos ambientais e emissões de gases do efeito estufa (GEE)**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA, Universidade de São Paulo, 2008, 6p.

FONTES, E. de O. **Organização do espaço e desenvolvimento regional no Extremo Sul da Bahia: os segmentos produtivos da celulose e do turismo**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, 2007, 262p.

GOOGLE EARTH. Disponível em: < <http://earth.google.com/>>. Acesso em: 7 de ago. 2005.

PEDREIRA, M. da S. Complexo florestal, desenvolvimento e reconfiguração do espaço rural: o caso da Região Extremo Sul baiano. **Bahia análise e dados**, Salvador, v.13, n.4, p.1005-1018, mar. 2004.

_____ **O complexo florestal e o extremo sul da Bahia: inserção competitiva e transformações socioeconômicas na região**. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008, 181p.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA - SEI. **Mapas digitalizados do Estado da Bahia: base de dados**. Salvador: SEI, 2008. CD-ROM.

_____ **Dez anos de economia baiana**. Salvador, 2002. 280p.

VERACEL. **Plano de manejo integrado 2005**. Disponível em: < <http://www.veracel.com.br> >. Acesso em: 20 mar. 2007.

YOUNG, C. E. F. Causas socioeconômicas do desmatamento na Mata Atlântica brasileira. In: LEAL, C. G.; CÂMARA, I.G. **Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectiva**. São Paulo, Fundação SOS Mata Atlântica – Belo Horizonte: Conservação Internacional, 2005, p. 103-118.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo apoio financeiro para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

Informações sobre os autores

¹ Thiara Messias de Almeida – <http://lattes.cnpq.br/0228436305452574>

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Bolsista Capes - DS

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PRODEMA/UESC

Graduada em Geografia – UESC

Contato: thiaramessias@gmail.com

² Liliane Matos Góes – <http://lattes.cnpq.br/5806548413537559>

Mestranda em Geografia (Modalidade MINTER), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Especialista em Ensino de Geografia - UESC

Graduada em Geografia – UESC

Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

Contato: lilianemg@ige.unicamp.br

³ Amom Chrystian de Oliveira Teixeira - <http://lattes.cnpq.br/2526490679521789>

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Bolsista Capes - REUNI

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PRODEMA/UESC

Graduado em Geografia – UESC

Contato: amomteixeira@gmail.com